

Deslocamento a pé é parte da rotina

Viajar 140 quilômetros de Unaí a Brasília duas vezes por semana, andar outros três e enfrentar uma jornada de aula que vai das 13h00 às 22h00, em duas escolas diferentes, é a rotina do professor de Geografia, José Gonçalves, de 32 anos. Desde setembro do ano passado, estes transtornos fazem parte de sua vida profissional: “Eu corto caminho pelas trilhas do mato. Às vezes a gente chega suado e outras vezes ensopado”, ilustra. Mesmo com todas essas dificuldades ele ainda encontra justificativas para continuar no ofício.

“O salário é baixo mas ainda é melhor do que pagam em Minas”, garante”. Só não mudou para Brasília porque já tenho casa e família lá e o aluguel daqui é muito alto”, explica. A Escola Classe Nova Betânia (zona rural do Núcleo Bandeirante), onde o professor leciona, tem carência de professores em Ciências Físicas e Biológicas, Português e Matemática. Desde o início do ano, 65 alunos estão sem aulas nestas disciplinas.

“E esta é a escola rural do Núcleo Bandeirante mais fácil de se chegar. Nas outras a situação é pior”, disse a professora Daisylane Campos. Morando em Taguatinga, para chegar à escola ela percorre, de carro, 120 quilômetros. “De ônibus não daria para vir, seria ainda mais desgastante”, completa. Há um ano e um mês na escola, a professora admite que só espera o fim do estágio probatório para fazer o concurso de remoção. “Uma escola 50 quilômetros mais perto já seria melhor”.

A professora Cristiane Dantas, que mora na Asa Sul, pega dois ônibus para chegar à escola. “O ônibus pára lá em cima, na BR 251, e quando não aparece carona o jeito é vir a pé”, explica. “Em algumas descidas, a gente escorrega no cascalho. O pessoal daqui até brinca e diz que é só deixar um papelão lá e descer de surf. O melhor é levar na esportiva”.

Fernando Luiz Travassos de Melo, único professor da Escola classe Córrego das Corujas (zona rural de Taguatinga) não tem escolha: quando perde a carona da diretora, a única forma de chegar à escola é subir e descer morros por cinco quilômetros. “Na maioria das vezes prefiro dormir na escola do que andar o caminho de volta. Isso aqui é perigoso. Quase fui assaltado uma vez”, explica. (R.A.)